

Di de Li

16.3.56

30/4/60

A CRÔNICA de Rubem Braga

A PRESENÇA

UM TELEFONEMA apenas cordial, a que atendo com naturalidade — mas, por que, depois, esse indefinível tremor íntimo, essa remota noção de que representei uma cena sob o efeito do hipnotismo, esse indizível susto? Sou um homem tranqüilo, e minha vida está tranqüila; ouço essa voz, esse nome, e pronto! — começo a agir como se eu trabalhasse em um filme a que eu mesmo estivesse assistindo.

Represento meu papel de maneira normal, e faço o papel de um homem normal; mas há um outro eu invisível que é aqualouco, patinador sobre arco-iris, menino sonâmbulo, Hamlet, palerma, patético. Enquanto eu digo uma coisa sensata, esse meu fantasma se entrega a um silencioso desvario, recita versos antigos, voa como um anjo, soluça. Posso contemplá-lo com frieza, criticá-lo, ter pena dele; evito que ele influa no mais mínimo em minha conduta real; quando ele tem um impulso de falar ao telefone eu me ponho tranqüilamente a descascar uma laranja ou a fazer ponta em um lápis — e sem minhas mãos, sem meu corpo, ele não pode fazer nada. Resolvo ignorá-lo e chego a esquecê-lo durante semanas, meses; mas quando surge a Presença, ele salta ao meu lado, sob uma luz sobrenatural, absurdo e infantil.

Não estou apaixonado; meu comércio sentimental com as outras criaturas corre normal, com suas alegrias e tristezas. Não estou apaixonado, mas posso ver a face da Paixão. E por um instante fico parado, mudo, como quem ouvisse no fundo da noite o sussurro das estrélas, e o reconhecesse.

71